



RELATO

COMUNIDADE INTERPRETATIVA TRANSTERRITORIAL: UM MERGULHO NAS ROTINAS PRODUTIVAS DA RTP

Ana Paula Goulart de Andrade¹

Leonel Azevedo de Aguiar²

RESUMO

Este trabalho versa sobre a reflexão da atividade jornalística de forma ampliada, a partir de uma experiência etnográfica desenvolvida em Portugal, mais precisamente no canal de notícias da RTP, a televisão pública do país. Trata-se de parte de uma pesquisa de doutorado que investiga o jornalismo em telas nas rotinas produtivas de TV “além-mar”. Como recorte, o relato que será empreendido aqui vai destacar as percepções vivenciadas a partir de implicações de diversas metodologias. Entre elas, está a autoetnografia que me encorajou a produzir este texto sobre a minha investigação qualitativa, incluindo-me naquilo que, inspirada no conceito de ZELIZER (1993), intitulo aqui como comunidade interpretativa transterritorial, sendo personagem da própria história em si.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo em telas; rotinas produtivas; autoetnografia; comunidade interpretativa transorganizacional; RTP.

INTRODUÇÃO

“Como humanos comunicantes que estudam humanos se comunicando, estamos inseridos no que estamos estudando” (ELLIS; BOCHNER, 2000, p. 12, em livre tradução). Esta citação define bem o espírito comum deste texto, que tem como ponto de partida de reflexão o movimento de colocar-se no lugar de *outrem*, vestir-se a pele do nativo e inserir-se na comunidade a ser observada.

Neste presente relato, que faz parte da minha pesquisa de doutorado do Departamento de Comunicação da PUC-Rio, pretendo expor uma experiência vivida na redação da RTP (Rádio e Televisão de Portugal), a televisão pública de Portugal. A investigação é fruto de um trabalho mais alargado, desenvolvido durante período de doutoramento sanduíche na Universidade da Beira Interior -

¹ Mestre e doutoranda em Comunicação pela PUC-Rio, professora na Escola de Comunicação e Artes da Facha e na FPG. E-mail: goulartdeandrade@gmail.com.

² Doutor e Mestre em Comunicação pela UFRJ, professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação e coordenador do Curso de Jornalismo da PUC-Rio. E-mail: laaguiar@uol.com.br.



UBI – que mapeou sete canais portugueses de televisão: RTP, TVI, SIC, CMTV, Banda TV, Globo e Record – e, por meio de uma tríade epistemológica sustentada pelas Teorias do Jornalismo, Telejornalismo e Estudos das Novas Tecnologias, buscou compreender as rotinas produtivas da comunidade interpretativa transterritorial, com ênfase no diálogo entre TV e Digital. O último relatório *Digital News Report* ratifica a relevância da pesquisa empreendida, ao confirmar que a TV e a Internet continuam como fontes favoritas de informação dos portugueses: “A televisão é a principal fonte de notícias para 57,7%, a Internet (excluindo redes sociais) para 17,4% e as redes sociais, isoladamente, para 13,4%” (REUTERS, 2021, p, 12). Obviamente, o atravessamento da pandemia no comportamento da nação portuguesa refletiu neste resultado, potencializando a disputa de atenção das telas da TV e do ambiente online.

Para a pesquisa ampliada me utilizei de um ferramental metodológico que contempla revisão bibliográfica, análise televisual (BECKER, 2016), AMA – Análise da Materialidade (COUTINHO; MATA 2018), entrevistas semiestruturadas (CASETTI; CHIO, 1999) e a técnica de observação participante (PERUZZO, 2005). No entanto, para o recorte exposto aqui, o método da autoetnografia, amparada por Ellis e Bochner (2000), mostrou-se adequado por dialogar com as demais metodologias adotadas, que admitem o atravessamento das paixões do pesquisador com o que se pretende explorar, pois também constrói o próprio indivíduo que investiga algo. Em outras palavras, o meu processo de entendimento de mim mesma (enquanto membro da comunidade interpretativa transterritorial), facilitou a compreensão do outro. Vale lembrar que o telejornalismo sempre esteve presente em minha vida, desde a minha infância, quando eu achava curioso colocar palha de aço nas antenas dos televisores para melhorar a transmissão. Do mesmo modo, virar a noite escondida para acompanhar o familiar programa “Comando da Madrugada”³ também me forjou como entusiasta das telas: qualquer semelhança não é mera coincidência.

De antemão, gostaria de pedir licença para alternar a escrita entre a primeira pessoa do singular e a primeira pessoa do plural. Explico: ao mesmo tem-

³ O “Comando da Madrugada” foi criado na década de 80 e apresentado pelo jornalista Luis Felipe Goulart de Andrade. O programa passou por várias emissoras brasileiras e perdurou até 2007.



po em que o “eu observante” mergulhou em outra cultura para compreender o funcionamento das redações jornalísticas de um continente diferente, o plural majestático se faz presente o tempo todo, impedindo o afastamento do uso do “nós”, por compreender que o “nós” é parte constituinte deste “eu observante”, propiciando a travessia de fronteiras não só físicas, mas teóricas e acadêmicas durante a orientação contínua no percurso entre Brasil e Portugal.

Sendo assim, este relato produzido em co-autoria está estruturado em três partes: a) “fase da inspiração” – visa expor de onde partiu o despertar para investigar o funcionamento das redações das emissoras em Portugal; b) “fase de percepções e métodos” – descreve o mergulho na rotina produtiva da RTP e aponta algumas percepções vivenciadas além-mar e c) “(Em) construção” – admitindo que não existe um fim para responder as abordagens que serão expostas na travessia a seguir, é um processo em constante mutação.

FASE DA INSPIRAÇÃO

Apresentado o mapeamento da investigação doutoral, preciso recuar nesta travessia para discorrer brevemente sobre a comunhão do Jornalismo, do Ensino e da Pesquisa, que me organiza enquanto indivíduo no lugar de fala, de escuta e de escrita deste relato.

Foram mais de 12 anos dividindo o ofício entre sala de aula e as redações cariocas. Passei por quase todas as funções nas emissoras (de estagiária à chefia), compreendia claramente as competências de cada departamento, bem como, tinha o entendimento de que o telejornalismo é essencialmente um trabalho coletivo, ou seja, não se faz TV isoladamente. Graças a essa dupla vivência é que eu posso reforçar a minha defesa de que teoria e prática caminham lado a lado e que o Jornalismo deve observar as potencialidades desta interseção, sobretudo para a manutenção de um exercício constante envolvendo reflexão, crítica e proposição no Ensino do Jornalismo. E foi nesse espaço, no rigor da atividade diária do que eu produzia enquanto jornalista, que encontrei a minha inquietação de pesquisa: a utilização de vídeos amadores e de vigilância na narrativa televisiva. Desde 2009, me debruço sobre o tema, que acabou sendo desaguado na minha dissertação de mestrado na PUC-Rio e, posteriormente, organizado



em forma de livro intitulado “Telejornalismo apócrifo: a construção da notícia com imagens amadoras e de vigilância” (GOULART DE ANDRADE, 2018).

Foi exatamente quando ingressei no mestrado, no ano de 2012, que eclodiu o meu “flerte” com Portugal, ao ser apresentada às Teorias do Jornalismo com profundidade. Autores como Traquina (2005); Park (2008); Wolf (2003), Breed (1993); Sousa (2005); Lippmann (2008); Soloski (1993); Tuchman (1983); Alsina (2009); Zelizer (1993); Groth (2011), entre outros amplamente debatidos em nosso Grupo de Pesquisa Tejor⁴, formaram uma espécie de gramática mental que me acompanhava diariamente na atuação jornalística. Eu já não conseguia descolar a compreensão dos aprendizados, por exemplo, sobre *gatekeeper* (TRAQUINA, 2005), a percepção dos constrangimentos organizacionais dentro da redação (BREED, 1993), bem como a construção da notícia (ALSINA, 2008) da minha atividade profissional. Ao mesmo tempo em que cumpria o “*deadline* de cada dia”, ficava cada vez mais rigorosa naquilo que eu produzia coletivamente e que iria, de alguma maneira, interferir no entendimento de mundo da sociedade. A essa altura já era inadmissível não ter a compreensão de que a redação jornalística representa um espaço de lutas e negociações em disputas à esfera pública, como forma de conhecimento (PARK, 2008; MEDITSCH, 1992).

Cabe destacar que o meu ofício ficou mais elástico e nesta época dividia-se, portanto, em três frentes: atuação jornalística em redação, professora em Instituições de Ensino Superior e pesquisadora. Consegui conjugar as três atividades por três anos, à custa de madrugadas em claro, algumas crises de enxaqueca e muito empenho para dar conta de tudo. Penso que essa relação com a compressão do tempo também me forjou enquanto mãe, mulher, professora, pesquisadora, jornalista. Ainda estou em processo de descontinuidade do ritmo 24/7 (CRARY, 2014).

Em 2015, estive de férias em Portugal e consegui agendar uma visita ao professor Francisco Rui Cádima, da Universidade Nova de Lisboa. Mostrei o meu interesse em pesquisar as emissoras portuguesas e fui gentilmente presen-

⁴ O Tejor é o Grupo de Pesquisa sobre Teorias do Jornalismo da PUC – Rio.



teada com um exemplar do livro “Salazar, Caetano e a televisão portuguesa” (CÁDIMA, 1996). A leitura mapeava um período marcado pela falta de liberdade e com sombras dos regimes do fascismo e nazismo suplantado na Segunda Guerra Mundial, somado ao salazarismo, a ditadura militar que permaneceu em Portugal por 46 anos. A leitura obrigatória sobre a RTP e o Telejornal, o principal produto do canal, aumentou ainda mais o meu entusiasmo pela investigação empírica nas emissoras lusitanas. No mesmo período, o jornalista Carlos Alberto Moreira Tourinho escrevia o que vinha a ser o seu último livro⁵: “Uma porta nova para a televisão – telejornalismo interativo entre a promessa e a realidade” (TOURINHO, 2015). A obra foi fruto da tese de doutorado, defendida na Universidade do Minho, em 2014. Tourinho também foi um grande incentivador para a minha decisão de investigar os canais portugueses, por ter percorrido um caminho semelhante ao meu.

Outra parte da minha motivação vem das constantes reflexões teóricas sobre o telejornalismo que desempenho dialogando em congressos científicos com a Rede de Pesquisa Telejor desde 2009⁶.

Vale lembrar que em 2017 eu ingressei no doutorado também na PUC-Rio e pedi demissão da emissora em que estava trabalhando para me dedicar exclusivamente à pesquisa e à sala de aula. Por fim, o aceite e abrigo da minha pesquisa pelo LabCom, Laboratório de comunicação e conteúdos online da Faculdade de Artes e Letras da Universidade Beira Interior – UBI, possibilitou a minha aproximação com a cultura do território e as emissoras de Portugal, a fim de levantar dados e construir a minha tese de doutorado. No fim de 2018, que consegui uma morada em Portugal e me mudei para lá juntos com os meus dois filhos, podendo cursar o doutoramento sanduíche. Todo o esforço que reorganizou o passado, o presente e o futuro (RICOUER, 1998) fazia parte de uma convicção: eu queria investigar a comunidade interpretativa transterritorial, com o objetivo de compreender, por dentro das rotinas profissionais, a produção da notícia nos canais portugueses e o sentidos das diversas telas multiplataforma,

⁵ O jornalista faleceu no ano de 2019 ao passar mal dentro d’água em uma praia de Vila Velha, ES.

⁶ Ver em: <https://www.instagram.com/redetelejor/?hl=pt-br> Acesso em: 11 de jul de 2021.



dando continuidade a minha pesquisa de mestrado, no entanto, em outro território. E isso só seria possível de perto.

FASE DE PERCEPÇÕES E MÉTODOS

Devidamente instalada em Portugal e com contatos adiantados com as emissoras desde a decisão da mudança de território, chegou a hora “abrir-se a ‘alma’ da cultura é deixar-se ‘molhar’, ‘ensopar’ das águas culturais e históricas dos indivíduos envolvidos na experiência” (FREIRE, 1995, p. 110). Um dos métodos utilizados na RPT – o da observação participante (PERUZZO, 2005) – se alinha bastante com essa lógica. Afinal, como compreender rupturas, continuidades e potencialidades do jornalismo audiovisual em múltiplas telas sem mergulhar a fundo nas rotinas produtivas?

Durante o período compreendido entre 04 e 20 de fevereiro de 2019 a minha permanência diária e prolongada (turnos manhã/tarde) na emissora foi bastante enriquecedora para a minha investigação sobre a era da TV ubíqua (JOST, 2021). Recebi um crachá que me deu acesso às dependências da RTP e o direito de transitar por todo o prédio. A partir daí, foi possível fazer um mapeamento da redação da RTP que é dividida em dois setores. No “pisso 1” está concentrada a equipa de informação composta por produtores, repórteres, repórteres de imagem, pesquisadores e coordenadores. Eles ficam separados por baias e respectivas editorias como: desporto, cultura, documentário e RTP África. Nesse espaço eram produzidas as “matérias do dia” e os chamados “não diários”. É também nesse espaço que o conteúdo noticioso era disponibilizado 100% *online*, logo após a exibição na TV. Já no “pisso -1” fica a essência do jornalismo em si, é a redação mais efervescente e mais recente também. Cerca de 40 jornalistas e colaboradores da área técnica se revezam e ocupam os lugares em frente aos ecrãs a cumprirem com o *deadline*. Igualmente, são divididos por baias e também por editorias: sociedade, política, economia, desporto e internacional. Nesse mesmo espaço, existia a integração dos estúdios e das régies⁷. Os dois pivôs⁸ se dividiam na apresentação do Telejornal de domingo a domingo:

⁷ O mesmo que *switcher* no Brasil, o espaço destinado a colocar o programa no ar.

⁸ O mesmo que apresentadores brasileiros.



João Adelino Faria e José Rodrigues, famoso pela sua piscadela. O tempo de produção do TJ é de 60 minutos, ele é dividido em 2 partes e exibe cerca de 40 peças por edição, considerando o “direto”⁹, notas, entrevistas em estúdio.

Depois do mapeamento do ambiente, foi preciso ganhar a confiança da comunidade interpretativa (ZELIZER, 1993) e driblar os olhares curiosos, além do incômodo de “estar sendo vigiado”, a partir de uma interlocução afetiva. O meu caderno de campo e o meu laptop foram companheiros inseparáveis e são consultados até hoje para rememorar cada instante vivido. A partir da etnografia e da colaboração do “ponto de vista dos nativos” (GEERTZ, 1989), pude, pouco a pouco, perceber os modos de produção noticiosa da RTP.

Foram feitos visionamentos de peças do Telejornal em épocas distintas (3 edições do ano de 2009 e 3 edições do ano de 2019) para compreender possíveis alterações na linguagem produzida para o noticiário; acompanhei as equipas de reportagens em campo tendo contato mais direto para além da redação; participei da elaboração e reunião de pautas; fiz parte do processo de edição das peças; permaneci na *regie* por mais de dez edições ao lado do coordenador que coloca o telejornal no ar, comparando o que era destaque noticioso tanto na grela¹⁰ quanto no ambiente Web e fiz 16 entrevistas semiestruturadas.

Todo esse movimento da observação participante fez-me sentir parte integrante daquela grande equipe de sujeitos falantes (MACHADO, 2000), possibilitando a construção deste relato a partir da autoetnografia e confirmando aqui a hipótese de comunidade interpretativa transterritorial.

(EM) CONSTRUÇÃO

Que futuro afinal esse presente aponta? Não temos a pretensão de responder essa questão. No entanto, como em todo o mundo a partir do ecossistema midiático que forçou ao rearranjo de novos modelos de negócios, o sentido das telas da RTP está em transição e caminha para o transbordamento nas redes, confirmando a aproximação e co-existência entre TV e Digital, exigindo novas competências dos jornalistas.

⁹ O mesmo que “ao vivo” nas emissoras brasileiras.

¹⁰ O mesmo que espelho no ambiente televisivo. É um panorama de todas as notícias que vão ao ar e com as informações correspondentes.



Podemos afirmar que para além da comunidade transorganizacional (ZELIZER, 1983), o profissional jornalista mantém os *modus operandi* semelhante em busca da produção da notícia, ou seja, no empenho para o *news-making* em qualquer território. O processo de “rotinização do inesperado” (TUCHMANN, 1979) ocorre com frequência, independente do continente.

É preciso destacar que o Jornalismo em Portugal é regulamentado pela ERC – Entidade Reguladora para a Comunicação Social do país. Compreendemos que a existência de um órgão regulador ajuda a manter a crença nas instituições, neste caso, no Jornalismo. Já no Brasil, onde enfrentamos uma crise na confiança e a ausência de políticas públicas, o cenário é bem diferente.

Por fim, exaltamos como a proposição do XX Encontro Nacional de Professores de Jornalismo em discutir o tempo de incertezas neste momento de pandemia exige pensar em ações coletivas.

REFERÊNCIAS

- ALSINA, M. R. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BECKER, B. **Televisão e telejornalismo: transições**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.
- BREED, W. O controle social na redação. In: TRAQUINA, N. (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. Lisboa: Vega, 1993.
- CÁDIMA, F. R. **Salazar, Caetano e a televisão portuguesa**. Lisboa: Presença, 1996.
- CASSETTI, F; CHIO, F. **Análisis de la televisión: instrumentos, métodos y prácticas de investigación**. Barcelona: Paidós, 1999.
- COUTINHO, I.; MATA, J. **Um telejornal e um método para chamar de nossos: uma reflexão sobre telas, fronteiras e modos de olhar**. São Paulo: FIAM-FAAM / Anhembi Morumbi, 2018.
- CRARY, J. **24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- ELLIS, C.; BOCHNER, A. Autoethnography, personal narrative, reflexivity: research as subject. In.: NORMAN, D.; LINCOLN, Y. **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks, CA: SAGE, 2000.
- FREIRE, P. **A educação na cidade**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- GEERTZ, C. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- GOULART DE ANDRADE, A. P. **Telejornalismo Apócrifo**. A construção da notícia com imagens amadoras e de vigilância. Florianópolis: Insular, 2018.



GROTH, O. **O poder cultural desconhecido**: Fundamentos da Ciência dos Jornais. Petrópolis: Vozes, 2011.

JOST, F. Que relação com o tempo nos é prometida na era da ubiquidade televisiva. In: Serra, P.; Sá, S.; Souza filho, W. (orgs.). **A televisão ubíqua**. Covilhã: LabCom, 2015.

LIPPMANN, W. **Opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 2008.

PARK, R. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento. In: MAROCCO, B.; BERGER, C. (orgs.). **A era glacial do jornalismo**: Teorias sociais da imprensa. Porto Alegre: Sulina, 2008.

PERUZZO, Círcia. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (orgs.). **Métodos de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

REUTERS INSTITUTE FOR THE STUDY OF JOURNALISM. **Digital News Report Portugal: 2021**. Disponível em: https://obercom.pt/digital-news-report-2021-portugal/?utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=digital-news-report-2021-portugal, acesso em 11 jul. 2021

RICOEUR, P. **A marca do passado**. Paris: Comité éditorial du Fonds Ricouer, 1998.

SOLOSKI, J. O jornalismo e o profissionalismo: alguns constrangimentos no trabalho jornalístico. In: TRAQUINA, N. (Org.). **Jornalismo**: questões, teorias e "estórias". Lisboa: Vega, 1993.

SOUZA, Jorge Pedro. **Construindo uma teoria do jornalismo**. Recensio, 2002. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-construindo-teoria-jornalismo.pdf>, acesso em 11 jul. 2021.

TOURINHO, C. A. M. **Uma porta nova para a televisão** – Telejornalismo interativo: entre a promessa e a realidade. Lisboa, Portugal: Chiado Editora, 2015.

MACHADO, A. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

MEDITSCH, E. **O conhecimento do Jornalismo**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1992.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo – Volume I**: porque as notícias são como são. 2ª ed. Florianópolis: Insular, 2005.

_____. **Teorias do jornalismo – Volume II**: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. 2ª ed. Florianópolis: Insular, 2008.

TUCHMAN, G. **La producción de la noticia**: estudo sobre la construcción de la realidad. Barcelona: Gustavo Gili, 1983.

_____. Making news by doing work: routinizing the unexpected. In: **American Journal of Sociology**, v.79, n.1, pp. 110-131, 1979.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 2001.

ZELIZER, B. Os jornalistas enquanto comunidade interpretativa. In: **Comunicação & Linguagens**, n.27, 33-61, 1993.